



Apostar na família, construir o futuro.

“A Família é a unidade fundamental da sociedade e tem a principal responsabilidade pela protecção, crescimento e desenvolvimento das crianças.” ONU - “Um mundo para as crianças é um mundo para a Família.” UNICEF

FAMÍLIAS AO CONGRESSO

CONGRESSO DA APFN EM LISBOA – 23 E 24 DE MAIO DE 2009



ÍNDICE

Editorial	2	Geminação para a Conciliação	6
Entrevista à Família Castro	2	Pedro Afonso	6
António Bagão Félix	3	Economia Familiar	7
Almoços do Futuro	4	Congresso APFN	8
Inverno Demográfico	5	Seminário - “Inverno Demográfico”	8
Conselho Consultivo	5	Autarquias Familiarmente Responsáveis	8

EDITORIAL

O início de cada ano é, tradicionalmente, o tempo de eleição para se fazer um balanço do passado e projectar-mos o futuro.

Quanto ao ano passado, nada de especial a referir. Apenas que, como sempre tem acontecido desde que a APFN existe, temos cumprido com o que prometemos na altura do nascimento: sempre mais e melhor! E 2008 foi assim mesmo: mais e melhor: muito mais traba-

lho, muito maior eficiência, mais sócios, mais visibilidade, mais facilidades, maior reconhecimento público!

E, 2009, como será?

O Presidente, Fernando Ribeiro e Castro

ENTREVISTA À FAMÍLIA CASTRO

for achado necessário e conveniente, para além de intervir na sociedade no sentido de deixarmos aos nossos filhos um mundo melhor do que recebemos.

– Como é a gestão diária das refeições e dos banhos?
As refeições são, normalmente, preparadas pela mãe, algumas vezes ajudada por alguns filhos. Actualmente, já todos tomam banho sozinhos, embora, por vezes, a mais pequena, de 6 anos, tenha que ser ajudada por um dos irmãos.

– Qual é o orçamento necessário para sustentar uma casa com 13 filhos?
Depende do rendimento da família. É exactamente igual a todo o dinheiro disponível.

– Como fazem as compras para a casa?
A maior parte das compras é feita num cash and carry que fez um acordo com a APFN, para que as famílias numerosas também possam lá fazer as suas compras (“Recheio”). Fica apenas de fora o pão, essencialmente, que adquirimos na padaria mais próxima. A carne é comprada num fornecedor que também fez um acordo com a APFN.

– Qual a base das vossas refeições? (muita ou pouca carne, peixe, legumes...)
Infelizmente, o peixe não abunda, devido ao seu elevadíssimo preço. De resto, usamos legumes, massa, arroz e carne, tudo cozinhado em casa, por forma a “esticar”.

– Podem sair todos juntos? Como o fazem?
Actualmente, já só temos seis filhos em casa. Os sete mais velhos já se casaram. Aliás, nunca tivemos mais do que dez em casa, uma vez que os três mais velhos casaram-se antes de nascerem os três mais novos (por esse motivo, os nossos netos mais velhos são da idade dos nossos filhos mais novos e alguns são colegas na mesma escola e turma). Sempre saímos juntos, com os que estão em casa. Por vezes, os casados juntam-se também nas férias, pelo menos nalguns dias. Há muitos anos que temos uma carrinha de nove lugares, para o transporte da família. Obviamente, muitas vezes ultrapassámos a lotação...

– Como vão e que tipo de férias fazem?
Depende da disponibilidade financeira na altura. Em

Como dissemos no nosso último editorial, vai ser um ano muito difícil e esquisito, uma vez que as autoridades mundiais em geral (e em Portugal muito especialmente) tardam em perceber as raízes e dimensão da crise que apenas agora começa. Estamos mesmo bastante apreensivos, mais ainda por, havendo três actos eleitorais em Portugal durante o próximo ano, temos a classe política divertida e excitada com a preparação do Carnaval eleitoral, ao mesmo tempo que cresce a turbulência social e insegurança, quer física, quer de emprego e de falta de perspectivas de futuro.

Por isso, muito mais nos será exigido, e cá estaremos para dar conta do recado, ao mesmo tempo que procuraremos celebrar condignamente o nosso X Aniversário e fazer com que o maior número possível das nossas propostas sejam incluídas no maior número possível de propostas eleitorais. A razão é simples, e é o lema escolhido para o nosso Congresso: é que as famílias numerosas são a única garantia de futuro!

– Porque decidiram ter 13 filhos?

Porque estávamos abertos a ter uma família numerosa. Foi para isso que nos casámos. Quando se planta uma árvore, é na esperança que dê muitos e bons frutos.

– Como é o vosso dia-a-dia?
Nada de especial: trabalho, casa, cuidar da família e estar atentos aos outros, acolhendo as suas preocupações e aconselhando no que

alturas de maior aperto, acampamos. Em alturas de maior folga, alugamos casa ou viajamos.

– Têm alguns benefícios estatais acrescidos devido ao número de filhos?

Não! Pelo contrário! Por isso, colaborámos na criação na APFN e nela trabalhamos.

– Como conseguem fazer o acompanhamento dos deveres da escola de tantos filhos?

Os mais velhos colaboram bastante e, também, não estamos sempre em cima deles. Só nos preocupamos mais se/quando trazem notas mais fracas. Felizmente, isso só acontece uma vez por outra com um ou outro.

– Quais as vantagens e desvantagens em ter uma família numerosa?

Não vemos desvantagens, a não ser a fortíssima pressão social e estatal contra nós. As vantagens são que multiplicamos as alegrias e dividimos as tristezas!

– Consideram que um filho proveniente de uma família numerosa será mais tolerante e menos egoísta do que os outros?

Claro. Embora existam filhos de famílias numerosas egoístas e intolerantes e filhos únicos altruístas e tolerantes, todos os estudos mostram (assim como a evidência de todos os dias) que, em geral, “partilha” é um conceito que se aprende na prática de uma família numerosa.

– Podem relatar-nos uma situação caricata que vos tenha acontecido?

Tínhamos na altura dez filhos e, Dia do Pai, fomos almoçar todos a um restaurante.

Obviamente, éramos alvo da atenção de outros clientes. Às tantas, um empregado, que já nos conhecia, veio ter connosco, a rir-se a bandeiras despregadas. É que um casal cliente, que também estava lá a celebrar com o seu filho único, tinha-lhe feito o seguinte comentário a observar-nos: “Que simpático aquele casal, ter vindo com os filhos e os sobrinhos”.

– Pretendem ter mais filhos?
Já não podemos ter.

Excertos de uma entrevista concedida pela família Castro ao portal Sapo



ANTÓNIO
BAGÃO FELIX

Sobre a **família** já tudo foi dito, escrito e proclamado. Por quem nela deposita o magistério da esperança, e também por quem dela desdenha, desconfia e até prognostica o seu obituário. (...)

O seu fundamento é antropológico. Não foi inventada cientificamente, não resulta de qualquer legado jurídico, não foi imposta por qualquer acto administrativo, não germinou fruto de uma qualquer ideologia, não é o resultado de meras circunstâncias ou contingências históricas.

administrativo, não germinou fruto de uma qualquer ideologia, não é o resultado de meras circunstâncias ou contingências históricas.

A família não é de esquerda ou de direita, nem é politicamente apropriável. E também não é laica ou confessional. É antes o mais perene património da humanidade, um bem para todos e não um mal para alguns. A família radica na pessoa humana e não no reconhecimento do Estado. *A família não é, portanto, para a sociedade e para o Estado, antes a sociedade e o Estado são para a família* (Conselho Pontifício Justiça e Paz, 2004).

Por ser natural, confere o mais genuíno dos sentidos à nossa tripla condição de **indivíduo** irrepetível, de **pessoa** que exprime a dignidade e o respeito do ser humano, de **cidadão** portador de direitos e de deveres. Afinal a tripla condição em que também nos movemos na empresa...

A instituição familiar continua a ser a primeira e a mais decisiva infra-estrutura moral e referencial na conjugação de valores e de saberes e na transmissão de solidariedade na sua forma talvez menos elaborada, mas mais espontânea e genuína.

No entanto, muitas vezes a família é desconsiderada – e diga-se em abono da verdade – não apenas pela sociedade politicamente organizada – o Estado – e por outras sociedades, mas por famílias que tendem a demitir-se dos seus papéis vencidos **pela pressa, pela angústia, pela indiferença, pela acomodação, pela resignação**. Quantos *filhos órfãos de pais vivos* (palavras de S. S. João Paulo II), quantos filhos de pais a tempo cada mais parcial, quantos avós de netos distantes não sofrem a ausência da família? Quantas refeições se transformam em salas de espectáculo televisivo ou de catarse profissional? Quantas vidas não se transformaram em contra-relógios de circunstância?

(...)

7. Os factores demográficos, por sua vez, têm vindo a provocar consequências determinantes que se podem caracterizar, entre outros, pelos seguintes indicadores:

- Acentuado **declínio do crescimento natural** desde a década de 70 do século passado. Esta tendência é explicada substancialmente, pela rápida queda da fecundidade. Assim, a **taxa de fertilidade** (número médio de crianças por mulher) atingiu nos últimos anos o valor de 1,36 crianças/mulher contra 3,1 em 1960. O nível actual é manifestamente inferior ao necessário para assegurar a substituição das gerações que é de 2,1 filhos por mulher. Da Europa dos 25 passámos em 30 anos do 4º país com taxa de fertilidade para 12º lugar.

- Outro aspecto importante é o **retardamento do nascimento do 1º filho**, que em 1980 era aos 23,6 anos de idade da mãe e agora é aos 28,1 anos.

- Em 2007 terão nascido em Portugal cerca de 103.000 bebés. Trata-se do número mais baixo desde **1935**, ano a partir do qual há estatísticas oficiais sobre a matéria. Estima-se que o défice de nascimentos ronde os **55.000** por ano. Em **1960** houve 213.895 nado-vivos e em **1980** houve 158.352.

- O impacto da queda de fecundidade tem sido atenuado, no entanto, pela diminuição da **taxa de mortalidade infantil**, de 77 por mil em 1960 para 3,5 por mil agora.

- A **esperança média de vida à nascença** que em 1930 era de

44,8 anos para o homem e de 49,2 anos para a mulher é agora de 75,2 e 81,8 respectivamente para o homem e para a mulher, o que significa que a EMV aumentou nos últimos 70 anos cerca de 5 meses por cada ano de calendário!

- O aumento da esperança média de vida implica que teremos um maior número de famílias em que **4 gerações** estarão vivas ao mesmo tempo, o que significará, mais frequentemente, pessoas de 60 anos a ocuparem-se dos seus progenitores de 80 e mais anos.

- Mas, ao mesmo tempo, a **dimensão média das famílias** portuguesas tem vindo a diminuir drasticamente, de tal modo que hoje 42,8% não têm filhos e só 4,9% têm três ou mais filhos.

- O declínio da natalidade associado a um aumento da esperança de vida tem vindo a provocar um maior grau de **envelhecimento** e um aumento da **taxa de dependência dos idosos**. Em 1990 havia em Portugal 64 pessoas com mais de 65 anos por cada 100 jovens com menos de 15 anos, mas em 2006 (apenas 15 anos depois!) há 112 idosos por cada 100 menores e estima-se que em 2050 se atingirá o valor, de consequências difíceis de imaginar, de cerca de mais de 200 velhos por cada 100 jovens...

(...)

Neste contexto e no preciso respeito pelo princípio da subsidiariedade, as **políticas públicas e a acção responsável das empresas** devem criar condições que:

- Protejam e não discriminem a **maternidade e paternidade** como valores humanos e sociais inalienáveis, não apenas biológicos mas sobretudo educativos e relacionais;

- Reconheçam a insubstituível função dos pais na **educação dos filhos**;

- Ajudem a consolidar a função da Família, enquanto **transmissora de valores** e veículo de estreitamento das relações entre gerações;

- Favoreçam, no âmbito das políticas laboral e social, condições para a **igualdade do homem e da mulher** na partilha das responsabilidades familiares;

- Estimulem ou ajudem o **voluntariado** e as redes primárias de solidariedade como estruturas importantes de apoio à Família;

- Aceitem e fortaleçam o **associativismo familiar** e a voz das famílias na vida social económica e cultural, deixando de constituir os parceiros silenciosos das políticas sociais.

- Contribuam para dissipar o **eclipse dos mais velhos e dos avós** na partilha solidária de tempos e de responsabilidades.

- Evitem o **efeito guilhotina** da passagem abrupta e, às vezes, extemporânea da actividade para a fase de reforma.

(...)

Enfim, como escreveu Yves Bonnet: *“Família, Escola, Empresa: afinal e sempre o mesmo combate!”*

Excerto do discurso proferido na cerimónia de entrega dos prémios às Empresas Mais Familiarmente Responsáveis em 29 de Maio de 2008

ALMOÇOS DO FUTURO

ALGARVE

A Delegação do Algarve realizou o seu primeiro almoço no passado dia 4 de Outubro, sábado, associado a um Evento de divulgação do Vídeo “Inverno demográfico” no Anfiteatro Azul da Universidade do Algarve, no período da manhã, com a presença do Presidente da Associação Fernando Castro e da Docente de Sociologia da família, Dra Mercês Covas.

Preocupado com o decréscimo populacional que percorre o Velho Continente, o presidente da APFN, Fernando Castro, assinala que o Algarve consegue escapar quase imune à razia devido, em grande parte, à atracção que o clima e o litoral exercem sobre os que chegam, sejam portugueses de outras paragens ou estrangeiros.

“O clima atrai gente e o Turismo precisa de algumas pessoas pouco qualificadas, além de muitas dessas tarefas serem simpáticas do ponto de vista da facilidade de desempenho”, sublinhou.

A atracção da qualidade da vida quotidiana na região é outra das explicações que Fernando Castro encontra para o “efeito de íman” algarvio: “Nova lorque não é Faro e as pessoas estão a fugir cada vez mais dos grandes centros para a províncias ou para cidades como Faro, em que, por exemplo, podem ir almoçar a casa”, explica.

Mesmo reconhecendo a importância dos movimentos demográficos, o presidente da APFN acha que a tão falada contribuição dos que chegam do estrangeiro para atenuar a escassa produção de bebés portugueses “não é uma solução de futuro”.

“Ao irmos buscar pessoas a outros países, muitas vezes com formação muito superior às tarefas que depois fazem aqui, estamos a empobrecer esses países”, sustenta, chamando ainda a atenção para a desestruturação familiar que a saída de homens provoca nos agregados dos países de origem. E nos efeitos perniciosos que a falta do elemento masculino tem nas crianças que lá ficam.

Por outro lado, salienta, “os imigrantes tendem a imitar os comportamentos dos povos que os acolhem”, o que significa que,



ainda que possa haver povos mais proucos entre nós, isso será “sol de pouca dura”.

De acordo com dados recentes da Administração Regional da Saúde (ARS) do Algarve, cerca de 20 por cento dos bebés que nasceram no Algarve são filhos de mãe estrangeira, na maioria de mulheres brasileiras e ucranianas.

Em 2007 nasceram 3.781 bebés de mães portuguesas nos dois hospitais públicos (Faro e Portimão), mas no total nasceram 4.802 bebés, sendo 1.021 – 21 por cento – filhos de mãe estrangeira.

Os recém-nascidos filhos de mãe brasileira estão à frente, com 275 bebés a nascer no último ano, logo seguidos pelos 150 bebés filhos de mães ucranianas e 143 romenas.

O presidente da APFN, que é uma associação de inspiração cristã, lamentou ainda as políticas públicas pouco “amigas da fertilidade”, censurando a lei do aborto e a recente lei do divórcio, chumbada pelo Presidente da República mas reiterada por larga maioria parlamentar.

“Os nossos políticos ainda não perceberam os efeitos destas formas de administrar”, lamentou, voltando a pedir mais apoios para as famílias com mais de três filhos. Mesmo que não sejam, necessariamente, pobres.

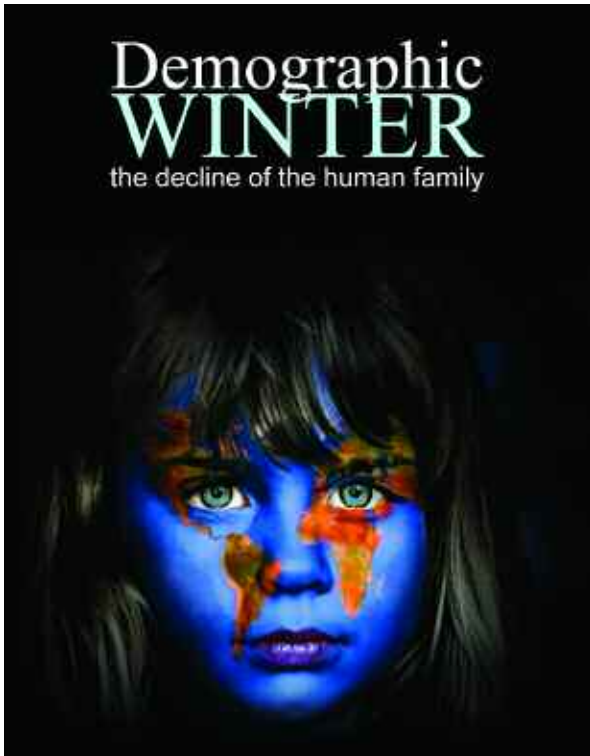
Excertos de artigo publicado nessa ocasião ao Oalgarve



LISBOA

O almoço de Lisboa foi no Chimarrão em Montes Claros e foi muito divertido para todos. Não faltaram os jogos ao ar livre e a boa disposição. A APFN sugere: não falem aos próximos!





“INVERNO DEMOGRÁFICO: O DECLÍNIO DA FAMÍLIA HUMANA” é um documentário de uma hora que resulta de um estudo desenvolvido por peritos de 33 países: demógrafos, economistas, sociólogos, psicólogos, líderes civis e religiosos, parlamentares e diplomatas. O estudo mostra, de forma clara, que estamos na direcção de um inverno demográfico com graves consequências para a sustentabilidade do futuro.

O prémio Nobel da economia Gary Beaker defende que os países desenvolvidos, com taxas de fertilidade abaixo dos níveis de reposição, estão a conduzir à contração da economia, à redução da força de trabalho e à crise da família.

Produzido por Barry McLerran e dirigido por Rick Stout, o “Inverno demográfico” congrega um conjunto de disciplinas que examinam e analisam o que poderá ser a maior ameaça que a Humanidade do Século XXI se confronta. O economista Robert J. Samuelson escreveu em 15 de Junho de 2005 num artigo do The Washington Post: “É difícil ser-se uma superpotência se a sua população estiver a encolher.” Samuelson advertiu: “A Europa, como sabemos, está a sair da cena mundial... A população da Europa ocidental está cada vez mais envelhecida, de acordo com as projecções do U.S. Census Bureau. Actualmente, cerca de um sexto da população tem 65 ou mais anos de idade. Por volta de 2030, poderá ser um quarto e por volta de 2050, quase um terço.”

Para aprofundar este tema a APFN recomenda a visita ao site <http://www.invernodemografico.org>. Através deste link poderá fazer a encomenda do DVD já com legendas em português.

CONSELHO CONSULTIVO

No dia 22 de Novembro de 2008, a APFN reuniu, pela terceira vez, em sessão plenária, o seu “Conselho Consultivo”. Esta reunião decorreu no auditório da AFID, em Alfragide, associação que gentilmente nos cedeu as instalações e a quem renovamos os nossos agradecimentos.



A sessão iniciou-se com a projecção do documentário “Inverno Demográfico”, a que se seguiu um interessante e enriquecedor debate sobre este preocupante tema da actualidade, entre os presentes. Após um breve intervalo teve lugar a segunda parte da sessão, que consistiu numa apresentação feita pelo Presidente da Direcção, Engº Fernando Ribeiro e Castro, relativa às actividades presentes e futuras da associação, com destaque para as próximas comemorações dos “10 Anos”; seguiu-se uma curta intervenção do Tesoureiro acerca da situação patrimonial e financeira da APFN e uma intervenção da Secretária-Geral, Dra. Ana Cid Gonçalves, relativa aos projectos em que a Associação está envolvida, em curso, ou em carteira, a aguardar financiamento ou patrocínio. No período de esclarecimentos registaram-se intervenções de muito interesse e oportunidade da Dra. Maria Lúcia Alves Mendes, do Dr. João Paulo Malta e dos Profs. Michel Renaud, Teresa Ribeiro e Diogo Leite de Campos. O Presidente do Conselho Consultivo, Dr. Oliveira

Dias, sócio fundador, encerrou os trabalhos congratulando-se com os sucessos da Associação e fazendo votos para que os projectos para o futuro tenham os melhores resultados. No final da sessão teve lugar um “cocktail” de confraternização, que permitiu aos participantes continuarem a troca de opiniões e de pontos de vista.

O Conselho Consultivo é formado por personalidades de reconhecido mérito e competência nas respectivas áreas profissionais, sócios ou não da APFN, e articula-se em nove “comissões técnicas”, cobrindo as áreas temáticas de maior interesse para a Associação. O Conselho tem cerca de cinquenta elementos e reúne de modo sectorial, por “comissão técnica”, ou em plenário, neste caso, normalmente, em Outubro/Novembro, com periodicidade anual.

A.F.

GEMINAÇÃO PARA CONCILIAÇÃO – GEMINAÇÃO DE INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS E NORUEGUESAS PARA A CONCILIAÇÃO ENTRE O TRABALHO E A VIDA FAMILIAR

GEMINAÇÃO PORTUGAL NORUEGA

A Conciliação entre a vida profissional e familiar é um fundamento essencial para o desenvolvimento sustentável, no seu carácter económico e demográfico, assim como social. O desenvolvimento sustentável não é possível sem uma base demográfica equilibrada, nomeadamente entre os grupos de população activa e não activa.

No caso de Portugal há um desequilíbrio fundamental no momento: ligado em parte à baixa taxa de natalidade, e em parte aos elevados objectivos exigidos ao mercado de trabalho. Neste contexto, a prioridade que é dada aos vínculos com o mercado laboral, de acordo com a Estratégia de Lisboa e directivas da política de inclusão social, pode actuar como constrangimento aos objectivos familiares e pessoais, caso as políticas de conciliação do trabalho com a vida familiar não estejam adequadamente desenhadas e implementadas.

O projecto põe em prática, pela primeira vez uma metodologia validada ao nível europeu – projectos de geminação (“twinning”). Esta actividade central é, no desenho do projecto, envolvida por outras actividades que a sustentam, como estudos empíricos, diagnósticos organizacionais, formação, estratégias de comunicação, plano de sustentabilidade, construção de redes e activação de tecnologia especializada.

Esta experiência inovadora é também sustentada por uma das mais relevantes técnicas de aprendizagem em contexto de trabalho – o Coaching – que está a dar os primeiros passos em Portugal hoje em dia.

Abordando a conciliação entre as responsabilidades no trabalho e na família como uma condição prévia para uma real e efectiva igualdade de oportunidades, o projecto baseia-se numa metodologia de “baixo para cima” (bottom-up) onde todos os actores são co-responsáveis pelos resultados do projecto.

Finalmente, o ponto de partida do projecto e o seu destino são, em última análise, convergentes - a cooperação entre Portugal

e Noruega: um projecto cuja ideia nasceu desta relação bilateral, o qual será desenvolvido em esforço comum, e que vai criar as condições necessárias para a sustentabilidade dos resultados do projecto, depois do período de implementação do mesmo, mantendo as relações bilaterais como um passo inevitável.

Assim, tendo como objectivo principal aumentar a capacidade de política e a consciencialização social para a conciliação entre trabalho e vida familiar, o projecto terá por base uma comparação entre Portugal e a Noruega relativamente a:

- identificação dos pontos mais significativos do quadro jurídico Norueguês e Português relativos à conciliação entre a vida familiar e a vida profissional nos respectivos países;
- geminação de dois municípios, duas empresas privadas e de uma ONG em cada país, com a maior semelhança possível em aspectos como a estrutura de funcionários públicos na estrutura dos executivos camarários, já que a dimensão demográfica dos dois países é bastante diferente;

O consórcio é composto pelas seguintes instituições:

- Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (APFN),
- Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP),
- Associação Norueguesa de Autoridades Locais e Regionais (KS),
- Instituto de Ciências da Família (ICF) da Universidade Católica Portuguesa,
- Ministro do Trabalho e da Segurança Social - Gabinete de Estratégia e Planeamento (GEP)
- Município de Leiria,
- Município de Faro.

O projecto realiza-se entre Agosto de 2008 e Abril de 2011.

EXPERIENTES NO SEXO, ANALFABETOS NO AMOR

PEDRO AFONSO (Psiquiatra)

Continua-se a acreditar no nosso país que a educação sexual dos jovens deve basear-se somente na informação crua, na permissividade absoluta (que está ligada à irresponsabilidade) e na repugnância de quaisquer valores que imponham, por exemplo, a abstinência nalgumas circunstâncias. Propaga-se, por conseguinte, uma sexualidade epidérmica, superficial, alicerçada apenas em dois conceitos: a busca do prazer e a satisfação pessoal.

Continua-se a acreditar no nosso país que a educação sexual dos jovens deve basear-se somente na informação crua, na permissividade absoluta (que está ligada à irresponsabilidade) e na repugnância de quaisquer valores que imponham, por exemplo, a abstinência nalgumas circunstâncias. Propaga-se, por conseguinte, uma sexualidade epidérmica, superficial, alicerçada apenas em dois conceitos: a busca do prazer e a satisfação pessoal.

Não é por acaso que as relações amorosas, na sociedade actual, são cada vez mais instáveis e descartáveis. As relações afectivas, em muitos casos, tornaram-se frívolas e sem vínculos, construindo-se com a mesma facilidade com que se destroem. Justifica-se, por vezes, este facto com a liberdade individual e o direito absoluto de as pessoas seguirem os instintos. As consequências nefastas são óbvias. A demonstrá-lo está o aparecimento de uma geração de indivíduos imaturos, inconstantes que vivem apenas em busca do bem-estar, ao invés de procurar um sentimento mais intenso: a felicidade.

Esta concepção da sexualidade menospreza o amor na sua dimensão mais profunda. O outro é instrumentalizado e transformado em fonte de prazer.

Neste caso, verifica-se uma regressão da vivência da sexualidade. Por outras palavras, é dito aos jovens que não podem escolher, e o melhor é entregarem-se aos impulsos. Todavia, esta vivência da sexualidade origina vidas erráticas, insatisfeitas e infelizes.

Um sinal grave que demonstra que estamos numa sociedade enferma e perturbada é o facto de ouvir mães relatarem com total naturalidade de que os seus filhos começaram as suas vidas sexuais aos 14 e, nalguns casos (pasmem-se), aos 13 anos! «Isto agora é tudo assim», dizem com indiferença. Mas o mais inquietante é que não se vislumbra nos seus rostos o mínimo sinal de preocupação se de facto eles estavam preparados para isso, nem tão-pouco lhes interessa saber quais as consequências destas experiências precoces na (des)estruturação das suas personalidades. Estes relatos vão-se tornando cada vez mais frequentes uma vez que a sociedade está dominada por uma ideologia hedonista, permissiva e que promove uma sexualidade vazia. Julgo que se está a criar uma sociedade de indivíduos experientes no sexo, mas “analfabetos no amor”.

Quando se busca o amor pleno, a precocidade e a experiência sexual não contam para nada. O amor verdadeiro segue um itinerário difícil que vai muito além do prazer físico e do desejo sexual. A sexualidade é positiva, mas deve ser educada para uma relação de amor estável, responsável, e apoiada num projecto de vida. A sexualidade não é só presente tem que ter também um futuro. Mas isto tem que ser ensinado.

O ORÇAMENTO FAMILIAR: AS “CLASSES DE DESPESA”

No último número do boletim da APFN abordei, de modo genérico, o tema do orçamento familiar. No apontamento de hoje irei tratar os diversos “items”, ou as diversas parcelas, que constituem o orçamento mensal da despesa, pois a vertente das receitas não costuma apresentar dificuldades... a não ser pelo limitado quantitativo.

As despesas podem dividir-se assim, para efeitos de planeamento e escrita, em várias parcelas, a que chamo as “classes de despesa”. Considero catorze categorias, e serviram-me de base, as publicações do INE, artigos de opinião na comunicação social e a minha própria experiência de pai de família numerosa. As “classes de despesa” que considere são as seguintes:

- a. “alimentação e higiene” – deve incluir os produtos de alimentação e os artigos de higiene e limpeza normalmente objecto de compra periódica em supermercado.
- b. “vestuário e calçado” – são de estimar as despesas médias mensais neste âmbito.
- c. “casa” – há que indicar a renda da casa, ou a prestação mensal ao banco, o condomínio e um doze-avos do IMI e das taxas autárquicas.
- d. “serviços da casa” – indicar os custos médios mensais da luz, água e gás, bem como o custo do alarme, se existir.
- e. “serviços domésticos” – indicar o salário da empregada doméstica e a respectiva segurança social, ou/e os custos estimados dos serviços de lavandaria e engomadoria.
- f. “saúde” – indicar as despesas médias mensais com consultas médicas, tratamentos, exames e farmácia. Incluir também, o custo do seguro de saúde.
- g. “educação” – mensalidades de colégios, explicações, taxas de matrícula, propinas e livros escolares ou profissionais, e os custos de actividades circulares escolares.

- h. “comunicações” – despesas com telefones da rede fixa, telemóveis, correio, internet, consumíveis de informática e programas e material de informática.
- i. “transportes” – indicar o custo dos passes sociais e do carro. Incluir as prestações bancárias, ou ALD/leasing, manutenção, combustível e óleos, portagens, custos de garagem e selo anual.
- j. “seguros” – adicionar todos os seguros, excepto o de saúde, designadamente, da casa, carro, empregada doméstica, cão (quando de certas raças mais perigosas), etc;
- k. “poupança-investimento” – um-doze avos dos PPR’s que tenciona subscrever anualmente, ou a quantia que põe mensalmente de lado. Considerar, se aplicável, um-doze avos do diferencial de IRS a pagar em Agosto/Setembro.
- l. “lazer-entretenimento” – custo da TV cabo, livros e revistas, deslocações ao cinema, etc, ou idas ao restaurante e passeios, viagens.
- m. “dinheiro de bolso” – incluir o quantitativo atribuído a cada um dos dois cônjuges e as mesadas, ou semanadas dos filhos.
- n. “contingências – diversos” – estimar as ofertas/ presentes e donativos, bem como as despesas extraordinárias não – recorrentes.

Cada família tem a sua especificidade própria, o seu estilo de vida, pelo que poderão existir outras “classes de despesa” que melhor se lhe apliquem; por outro lado, dentro de uma família, o peso relativo das despesas varia ao longo do ciclo de vida. Numa ocasião, as despesas de educação serão muito importantes, mas vinte anos volvidos... serão provavelmente as de saúde. Entendam portanto, as “classes de despesa” que vos apresento, como uma mera sugestão, que provavelmente deverá ser personalizada face às circunstâncias específicas da vossa família. Agradeço desde já os vossos comentários e sugestões, bem como o testemunho da vossa experiência neste âmbito para o e-mail fonsecas@netcabo.pt

A.F.

TESTEMUNHOS DE FAMÍLIAS QUE APROVEITAM AS FACILIDADES DA APFN

Tornámo-nos sócios da APFN ao querermos apoiar a causa a que se propõem. Entendemos esta como razão suficiente para tal opção, pelo que não fizemos qualquer mini “estudo financeiro” sobre as facilidades que nos proporcionavam. (...) Contudo, um tempo de folga imprevisto permitiu fazer uma análise e organização das várias facilidades, quer a nível regional, nacional e por autarquia. (...) Ultrapassámos a desmotivação que se cria ao depararmos com algumas situações de burocracia ou o desconhecimento por parte de funcionários mal informados que nos atendem. Insistimos sempre nos dados que nos foram fornecidos pela Associação, tendo chegado a colocá-la a par do sucedido. Simultaneamente, acedemos com assiduidade ao site da APFN, onde actualizamos as novas facilidades, cujo aumento, ultimamente, é cada vez mais notório, e da mesma forma, consultamos o nosso e-mail onde, para além de uma série de informação interessante que nos é frequentemente enviada, nos vão surgindo oportunidades de última hora, normalmente muito vantajosas e a não perder!



O balanço não foi feito com rigor nem preocupação, mas as facilidades por nós usufruídas num ano dariam para compensar várias quotas anuais. Podemos não ter bem presente todas as que já usufruímos, mas enumeramos agora as que nos parecem mais representativas. Somos apenas uma família de cinco pessoas, mas só na tarifa familiar da água a quota é amortizada num ano. Acrescentamos as refeições diversas feitas no Só Peso, e o variadíssimo material escolar, de escritório ou lazer adquirido na Papelaria Fernandes. Usufruímos bastante, e aqui amortizando de imediato um valor superior à quota, na compra de bilhetes para espectáculos no Teatro Rivoli, como o Música no Coração e O Príncipezinho. Chegámos a procurar uma empresa do sector automóvel, a Feirauto, quando precisávamos de uma peça nova para o nosso automóvel Volvo, por aquela orçar em 800. Usufruímos ainda de um valor bem significativo no desconto relativo aos bilhetes de entrada no parque aquático Aquashow, quando de férias, no Algarve, e, mais recentemente, aproveitamos as entregas gratuitas do Continente on-line.

Carla Rocha Leite - Porto

Famílias Numerosas
Garantia de Futuro
2º Congresso

Centro de Congressos do Estoril
23 de Maio de 2009

FAMÍLIAS AO CONGRESSO

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FAMÍLIAS NUMEROSAS

O próximo congresso da APFN vai ser um grande acontecimento para as famílias numerosas. Esperamos que todos adiram com o mesmo entusiasmo que encontrámos no Congresso das Famílias Numerosas espanholas, em Pamplona. Venham com

os vossos filhos para que se torne visível a força das famílias numerosas – as famílias que garantem o futuro.

Dias 23 e 24 de Maio – Centro de Congressos do Estoril.



O seminário “inverno Demográfico: o problema. Que respostas?” promovido pela APFN teve lugar a 27 de Setembro no Auditório do Edifício Novo da Assembleia da República. Foi presidido por Guilherme Silva, em representação do Presidente da Assembleia da República e contou com ilustres participações. O documentário “Inverno demográfico: o declínio da família humana?” foi projectado com os sucessivos debates presididos por Carlos Seixas da Fonseca, Maria José Lucena e Vale e Luis Casal Ribeiro Cabral.

Toda a Informação sobre o seminário assim como a vasta bibliografia recomendada sobre o tema pode ser encontrada no site - <http://www.apfn.com.pt/actividades/2008/seminario/index.htm>

A APFN tem promovido várias apresentações do DVD com debates em diversas instituições e chama a atenção para a importância da divulgação deste estudo.

Para adquirir o DVD basta ir ao site da APFN e escolher o link do “Inverno demográfico” ou ir directamente a <http://www.invernodemografico.org>.

O Observatório tem como objectivos principais acompanhar, galardoar e divulgar as melhores práticas das autarquias portuguesas em matéria de responsabilidade familiar. As autarquias representam o poder político mais próximo da população. Conhecem melhor as necessidades das famílias e podem, salvaguardando o princípio da subsidiariedade, dar respostas visíveis e eficazes.

As famílias como base de uma sociedade sustentável são o futuro. Para assegurá-lo, as autarquias deverão, sobretudo, proporcionar uma maior capacidade de resposta às suas necessidades tendo em conta o papel vital de geração de capital humano que desempenham.

As autarquias familiarmente responsáveis terão neste observatório o estímulo para um compromisso cada vez mais estreito entre poder local e família.



OBSERVATÓRIO DAS AUTARQUIAS FAMILIARMENTE RESPONSÁVEIS
www.observatorioafr.org